

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

*Coordenação de Documentos Escritos  
Documentos do Executivo e do Legislativo*

**BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.695**

**Processo DICOM nº 73.543  
30/11/1976**

*18 folhas/18 páginas*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
C.A.



30 NOV 16 49 073543

SEC. ADM.  
FICHADO

DIVISÃO DE COMUNICAÇÕES

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
GABINETE DO MINISTRO

6087

DATA  
01-12-76

CONFIDENCIAL

DOCUMENTO SIGILOSO

MEMº 609 de 30.11.76-CM/MJ.

DISTRIBUIÇÃO  
SEC/ADM-30.11.76.

FICHADO  
S.A. DCDP

Aos Exp 1/12/76  
DPF- 02/12/76  
Dr. Fernando - 14-12-76

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

(N)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
D. A.

30 NOV 16 49 76 073543

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
GABINETE DO MINISTRO

CONFIDENCIAL

Brasília, DF, 30 de novembro de 1976

MEMORANDO Nº 609

DO: Chefe do Gabinete

AO: Chefe do Serviço de Comunicações

Senhor Chefe

Solicito suas providências no sentido de ser protocolado o presente memorando, a fim de constituir processo de caráter sigiloso, originado da Informação nº 1000, de 25 novembro 76, da DSI/mj.

*S.M. Martins*  
D/ Chefe do Gabinete

CONFIDENCIAL

Confidencial

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA	
GABINETE DO MINISTRO	
N.º	DATA
6087	01-12-76
DOCUMENTO SIGILOSO	



DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO N.º 1000/76 /DSI/MJ

DATA: 25 de novembro de 1976  
 ASSUNTO: MARCONDES ROSA DE SOUZ (S) A  
 ORIGEM: CIE  
 REFERÊNCIA:  
 DIFUSÃO: EXMO. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

*De idem: Processo e encaminhar ao D.P.F. para verificar se o livro mencionado ainda está em circulação. 30.11.76*  
 Fernando B. Alcão  
 Assessor Especial do Ministro da Justiça

DIFUSÃO ANTERIOR: (desde a origem) = AC/SNI - DSI/MJ - DSI/MEC - CI/DPF  
 ANEXOS: xerocópias de folhas do livro "FELIZ ANO NOVO" (5 fls.)  
 xerocópias do Programa de Língua Portuguesa II, da UFC (2 fls.)

Esta Divisão recebeu e difunde, na íntegra, o seguinte:

1 - MARCONDES ROSA DE SOUZA, filho de WANCERY FELIX DE SOUZ (S) A e ADAISA DE SOUZ (S) A, nascido em 23 jan 43, no Município de SANTA QUITÉRIA/CE, identidade nº 153.489 - SSP/CE, expedida em 07 abr. 67, é professor de "LÍNGUA PORTUGUESA" da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE).

2 - Recentemente, o referido professor indicou aos seus alunos, como leitura suplementar, para o 2º semestre de 1976, dois livros; sendo um deles, "FELIZ ANO NOVO" (Anexo 1), de autoria de RUBEM FONSECA, e editado pela Editora ARTENOVA. É o nominado, com tumaz em distribuir e/ou indicar textos, eivados de idéias extravagantes, para análise e discussão, por seus alunos.

3 - Segundo observação contida no Programa de Língua Portuguesa II - Anexo 2), da UFC, a seleção de livros, para leitura suplementar pelos alunos, é realizada: "Reconhecendo a importância primordial da leitura e da composição para o desenvolvimento intelectual do aluno e, outrossim, atendendo aos objetivos gerais do 1º Ciclo,..."

4 - O livro "FELIZ ANO NOVO" (Anexo 1), além de seu pobre conteúdo, apresenta linguajar tão baixo e chulo que se custa acreditar haja obtido permissão a sua comercialização.

5 - O nominado, hoje colaborador da revista "O SACO", publicação de cunho nitidamente esquerdista, sob o manto da "liberdade de cátedra", exige a leitura de um amontoado de obscenidades, para

Confidencial

**Confidencial**

continuação da Infão nº 1000/76 ..... Fl. 2

posterior debate em classe, por parte de seus alunos, jovens e mes\_ mo senhoras, que frequentam o curso do Primerno Ciclo de Humanida\_ des. Com tal procedimento, infere-se que o nominado, destacando, co\_ mo elemento didático, algo que por si só é atentatório à moral e aos bons costumes, procura, em realidade, a dissolução dos costumes no sentido de subverter a ordem.

A REVOLUÇÃO DE 64 É IRREVERSIVEL.  
E CONSOLIDARÁ A DEMOCRACIA NO  
BRASIL.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCU-  
MENTO (ART. 62 - DEC. N.º 60.417/67  
REGULAMENTO PARA SALVAGUARDA DE  
ASSUNTOS SIGILOSOS.

**Confidencial**

4/81

# RUBEM FONSECA

Autor de O CASO MOREL e LÚCIA McCARTNEY



FELIZ  
ANO  
NOVO

artenova

*[Handwritten signature]*

5  
SM

Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no reveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.

Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.

Vai mijar noutro lugar, tô sem água.

Pereba saiu e foi mijar na escada.

Onde você afanou a TV?, Pereba perguntou.

Afanei, porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?

Tô morrendo de fome, disse Pereba.

De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu disse, só de sacanagem.

Não conte comigo, disse Pereba. Lembra-se do Crispim? Deu um bico numa macumba aqui na Borges de Medeiros, a perna ficou preta, cortaram no Miguel Couto e tá ele aí, fudidão, andando de muleta.

Pereba sempre foi supersticioso. Eu não. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada. Chuto a macumba que quiser.

Acendemos uns basecados e ficamos vendo a novela. Merda. Mudamos de canal, prum bang-bang. Outra bosta.

As madames granfas tão todas de roupa novã, vão entrar o ano novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branquelãs dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?

Pena que não tão dando pra gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.

Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.

gore

Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido!  
Tanta gente rica e eu fudido.

Zequinha entrou na sala, viu Pereba tocando punheta e disse, que é isso Pereba?

Michou, michou, assim não é possível, disse Pereba.

Por que você não foi para o banheiro descascar sua bronha?, disse Zequinha.

No banheiro tá um fedor danado, disse Pereba.

Tô sem água.

As mulheres aqui do conjunto não estão mais dando?, perguntou Zequinha.

Ele tava homenageando uma loura bacana, de vestido de baile e cheia de jóias.

Ela tava nua, disse Pereba.

Já vi que vocês tão na merda, disse Zequinha.

Ele tá querendo comer restos de Iemanjá, disse Pereba.

Brincadeira, eu disse. Afinal, eu e Zequinha tínhamos assaltado um supermercado no Leblon, não tinha dado muita grana, mas passamos um tempão em São Paulo na boca do lixo, bebendo e comendo as mulheres. A gente se respeitava.

Pra falar a verdade a maré também não tá boa pro meu lado, disse Zequinha. A barra tá pesada. Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevê e estrangularam. O Minhoca, porra! O Minhoca! crescemos juntos em Caxias, o cara era tão miope que não enxergava daqui até ali, e também era meio gago — pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arreventado.

Pior foi com o Tripê. Tacaram fogo nele. Virou torresmo. Os homens não tão dando sopa, disse Pereba. E frango de macumba eu não como.

Depois de amanhã vocês vão ver.

Vão ver o que?, perguntou Zequinha.

Só tô esperando o Lambreta chegar de São Paulo.

Porra, tu tá transando com o Lambreta?, disse Zequinha.

As ferramentas dele tão todas aqui.

Aqui?, disse Zequinha. Você tá louco.

Eu ri.

Quais são os ferros que você tem?, perguntou Zequinha.

Uma Thompson lata de goiabada, uma carabina doze, de câno serrado, e duas magnum.

Putta que pariu, disse Zequinha. E vocês montados nessa baba tão aqui tocando punheta?

Esperando o dia raiar para comer farofa de macumba, disse Pereba. Ele faria sucesso falando daquele jeito na TV, ia matar as pessoas de rir.

Fumamos. Esvaziamos uma pitu.

Posso ver o material?, disse Zequinha.

Décemos pelas escadas, o elevador não funcionava, e fomos no apartamento de Dona Candinha. Batemos. A velha abriu a porta.

Dona Candinha, boa noite, vim apanhar aquele pacote. O Lambreta já chegou?, disse a preta velha.

Já, eu disse, está lá em cima.

A velha trouxe o pacote, caminhando com esforço. O peso era demais para ela. Cuidado, meus filhos, ela disse.

Subimos pelas escadas e voltamos para o meu apartamento. Abri o pacote. Armei primeiro a lata de goiabada e dei pro Zequinha segurar. Me amarro nessa máquina, tarratátatá!, disse Zequinha.

É antiga mas não falha, eu disse.

Zequinha pegou a magnum. Jóia, jóia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá.

Botamos tudo em cima da mesa e ficamos olhando.

Fumamos mais um pouco.

Quando é que vocês vão usar o material?, disse Zequinha.

Dia 2. Vamos estourar um banco na Penha. O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano.

Ele é um cara vaidoso, disse Zequinha.

É vaidoso mas merece. Já trabalhou em São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Vitória, Niterói, pra não falar aqui no Rio. Mais de trinta bancos.

É, mas dizem que ele dá o bozó, disse Zequinha.

Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca veio com frescuras.

Você já viu ele com mulher?, disse Zequinha.

Não, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa? Homem não deve dar o cu. Ainda mais um cara importante

como o Lambreta, disse Zequinha.

Cara importante faz o que quer, eu disse.

É verdade, disse Zequinha.

Ficamos calados, fumando.

Os ferros na mão e a gente nada, disse Zequinha.

O material é do Lambreta. E aonde é que a gente ia usar ele numa hora destas?

Zequinha chupou ar, fingindo que tinha coisas entre os dentes. Acho que ele também estava com fome.

Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa. O mulhêrio tá cheio de jóia e eu tenho um cara que compra tudo que eu levar. E os barbados tão cheios de grana na carteira. Você sabe que tem anel que vale cinco milhas e colar de quinze, nesse intruja que eu conheço? Ele paga na hora.

O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover.

Lá se foi a tua farofa, disse Pereba.

Que casa? Você tem alguma em vista?

Não, mas tá cheio de casa de rico por aí. A gente puxa um carro e sai procurando.

Coloquei a lata de goiabada numa saca de feira, junto com a munição. Dei uma magnum pro Pereba, outra pro Zequinha. Prendi a carabina no cinto, o cano para baixo e vesti uma capa. Apanhei três meias de mulhêr e uma tesoura. Vamos, eu disse.

Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal.

Eles estavam bebendo e dançando num salão quando viram a gente.

É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocês ficarem quietos ninguém se machuca. Você aí, apaga essa porra dessa vitrola!

Pereba e Zequinha foram procurar os empregados e vieram com três garçons e duas cozinheiras. Deita todo mundo, eu disse.

Contei. Eram vinte e cinco pessoas. Todos deitados em silêncio, quietos, como se não estivessem sendo vistos nem vendo nada.

Tem mais alguém em casa?, eu perguntei.

Minha mãe. Ela está lá em cima no quarto. É uma senhora doente, disse uma mulhêr toda enfeitada, de vestido longo vermelho. Devia ser a dona da casa.

Crianças?

Estão em Cabo Frio, com os tíos.

Gonçalves, vai lá em cima com a gordinha e traz a mãe dela.

Gonçalves?, disse Pereba.

É você mesmo. Tu não sabe mais o teu nome, ô burro?

Pereba pegou a mulhêr e subiu as escadas.

Inocência, amarra os barbados.

Zequinha amarrou os caras usando cintos, fios de cortinas, fios de telefones, tudo que encontrou.

Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as jóias das mulhêres.

Um bocadinho de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca.

Pereba desceu as escadas sozinho.

Cadê as mulhêres?, eu disse.

Engrossaram e eu tive que botar respeito.

Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de nozô e não deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fudida, mal paga. Limpei as jóias. A velha tava no corredor, caída no chão. Também tinha batido as botas. Toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o ano novo, mas já tava mais pra lá do que pra cá. Acho que morreu de susto. Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha. O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e desci.

Vamos comer, eu disse, botando a fronha dentro da saca. Os homens e mulhêres no chão estavam todos quietos e encagachados, como carneirinhos. Para assustar ainda mais eu disse, O puto que se mexer eu estouro os miolos.

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irritem, levem o que quiserem, não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.

Podem também comer e beber à vontade, ele disse.

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro.

Como é seu nome?

Maurício, ele disse.

Seu Maurício, o senhor quer se levantar, por favor?

Ele se levantou. Desamarrei os braços dele.

Muito obrigado, ele disse. Vê-se que o senhor é um homem educado, instruído. Os senhores podem ir embora, que não daremos queixa à polícia. Ele disse isso olhando para os outros, que estavam quietos apavorados no chão, e fazendo um gesto com as mãos abertas, como quem diz, calma minha gente, já levei este bunda suja no papo.

Inocência, você já acabou de comer? Me traz uma perna de peru dessas aí. Em cima de uma mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro. Comi a perna de peru. Apanhei a carabina doze e carreguei os dois canos.

Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede?

Ele se encostou na parede.

Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado.

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panelone.

Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma.

Tem que ser na madeira, numa porta. Parede não dá, Zequinha disse.

Os caras deitados no chão estavam de olhos fechados, nem se mexiam. Não se ouvia nada, a não ser os arrotos do Pereba.

Você aí, levante-se, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos.

Por favor, o sujeito disse, bem baixinho.

Fica de costas para a parede, disse Zequinha.

Carreguei os dois canos da doze. Atira você, o coice dela machucou o meu ombro. Apóia bem a culatra senão ela te quebra a clavícula.

Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali

grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira.

Eu não disse? Zequinha esfregou o ombro dolorido. Esse canhão é foda.

Não vais comer uma bacana destas?, perguntou Pereba.

Não estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto.

E você... Inocência?

Acho que vou papar aquela moreninha.

A garota tentou atrapalhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá.

Vamos embora, eu disse. Enchemos toalhas e fronhas com comidas e objetos.

Muito obrigado pela cooperação de todos, eu disse. Ninguém respondeu.

Saimos. Entramos no Opala e voltamos para casa.

Disse para o Pereba, larga o rodante numa rua deserta de Botafogo, pega um táxi e volta. Eu e Zequinha saltamos.

Este edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arrebatadas.

Fudido mas é Zona Sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Nilópolis?

Chegamos lá em cima cansados. Botei as ferramentas no pacote, as jóias e o dinheiro na saca e levei para o apartamento da preta velha.

Dona Candinha, eu disse, mostrando a saca, é coisa quente.

Pode deixar, meus filhos. Os homens aqui não vêm.

Subimos. Coloquei as garrafas e as comidas em cima de uma toalha no chão. Zequinha quis beber e eu não deixei. Vamos esperar o Pereba.

Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

PRIMEIRO CICLO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE LINGUA PORTUGUESA II

COORDENADORA: ÂNGELA MARIA ROSSAS MOYA DE GUTIÉRREZ.

1.0 EMENTA: Análise e composição de texto através do seu estudo como interrelação dos níveis semântico, morfo-sintático e fonológico da língua.

2.0 OBJETIVOS TERMINAIS: Ao concluir o estudo da disciplina Língua Portuguesa II, o aluno deverá estar apto a:

- 2.1 Reconhecer o texto como estrutura
- 2.2 Identificar no texto a interrelação dos níveis semântico, morfo-sintático e fonológico
- 2.3 Decodificar o texto literário pela análise dos diversos níveis de significação
- 2.4 Reconhecer e caracterizar os discursos narrativo, descritivo e dissertativo.
- 2.5 Estruturar um texto narrativo
- 2.6 Estruturar um texto descritivo
- 2.7 Estruturar um texto dissertativo
- 2.8 Distinguir o texto poético do texto em prosa a partir da sua natureza e caracterização.
- 2.9 Decodificar o texto não só em sua dimensão representativa, mas, sobretudo, expressiva de valores conotativos.

3.0 CRONOGRAMA:

- 3.1 O texto como um todo.
  - nível semântico: denotação/conotação;
  - plurivalência significativa
  - linguagem figurada de fundo semântico.
- nível morfo-sintático: sintagma: nominal e verbal
- hipotaxe e parataxe
- Os recursos das classes de palavras.
- nível fonológico: elementos sonoros: fonemáticos e rítmicos.
- nível óptico: elementos gráfico-espaciais .....22h
- 3.2 O Discurso Narrativo:
  - Natureza e Características: .....14h
  - Elementos Estruturais da Narrativa
  - Tipos de Narrativa: .....14h
- 3.3 O Discurso Descritivo:
  - Natureza e Características;
  - A Estrutura da descrição;
  - Tipos de descrição. ....14h
- 3.4 O Discurso Dissertativo:
  - Natureza e Características;
  - A Estrutura Dissertativa;
  - Tipos e Processos Dissertativos .....14h

- 5.0 Discursivo
  - Naturaleza e características;
  - Elementos Estruturais do Discurso Poético
  - Interrelação das Unidades de Significação
- 3.6 Exposições orais dos alunos sobre os temas de T.I. 12h
- 4.0 TÁTICAS: Aulas Teóricas - 30%; Atividades Grupais - 40%; Atividades Individuais - 30%

5.0 BIBLIOGRAFIA:

5.1 - DAMASCENO, José Ribeiro. - Comunicação através da análise estrutural. Fortaleza, 1973.

5.2 - GARCIA, Othon M. - Comunicação em prosa moderna. Rio, Fund. Getúlio-Vargas, 1975; 3ª Ed.

5.3 - MONTEIRO, José Lemos - Análise e interpretação do texto literário. Fortaleza, Circ. de Estudos Semiológicos de Fortaleza, 1975.

5.4 - SCUSA, Marcondes Rosa de - Som e Comunicação na linguagem.

5.5 - CUNHA, Celso. Gramática do Português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares S/A., 1972.

OBS. Reconhecendo a importância primacial da leitura e da composição para o desenvolvimento intelectual do aluno e, outrossim, atendendo aos objetivos gerais do 1º Ciclo, a Coordenação de Língua Portuguesa I e II:

1) Seleciona semestralmente, 2 (dois) livros para leitura suplementar dos alunos. Para o segundo semestre letivo de 1976, os livros escolhidos foram:

- a) Marcos - de Antônio Olavo Pereira
- b) Feliz Ano Novo - de Rubem Fonseca

- 2) planeja o trabalho Individual (T.I.) em forma de dissertação monográfica, dividindo sua realização nas seguintes etapas:
  - 2.1. Escolha do tema;
  - 2.2. Elaboração do plano de trabalho com apresentação das fontes bibliográficas;
  - 2.3. Realização da Redação final;
  - 2.4. Apresentação oral, em sala de aula, do trabalho.

Para a realização do T.I., haverá orientação grupal (exercida pelos docentes, em sala e tempo de aula) e individual (exercida pelos orientadores, em salas e horários especiais).

A nota de T.I. resultará da média dos conceitos atribuídos às etapas 2.2, 2.3 e 2.4.

Os prazos para cumprimento das etapas 2.2 e 2.3 são respectivamente, os dias 30.09.76 e 19.11.76. Para o cumprimento da etapa 2.4, os docentes prepararão para cada turma cronograma de apresentação que será dado a conhecer aos discentes, pelo menos uma semana antes do início marcado.

Os velhos manuscritos (Romance) Jorge Amado  
 As pompas do mundo (Contos) Otton Maria Resende  
 O homem (Crônicas) Fernando Sabino  
 Raízes do Brasil (Ensaio) Sérgio Buarque de Holanda  
 Selva em Prosa e verso (Poesia) Cassiano Ricardo



72  
SM

à DEDP

Encaminhamos, de ordem do  
Sr. Diretor-Geral, para sua nota  
e despacho ao Senhor. Popescu  
do Ministério da Justiça.

Em 6/12/76  
*[Assinatura]*  
ch. Gab.

Ref<sup>ª</sup>: prot. 73543/76-MJ

Senhor Chefe do Gabinete:

Restituo o expedien-  
te, com cópias do ofício dirigido ao Senhor  
Ministro da Justiça, pedindo proibição da obra,  
e do parecer sobre a mesma, após haver sido  
submetida à verificação.

Em, 07/dez/1976

ROGERIO NUNES  
Chefe do Gabinete

AO ASSESSOR ESPECIAL DO  
MINISTRO DA JUSTIÇA

Restituição, ~~com~~ a informação  
do chefe da Divisão de Cultura (DEDP).

Em 13/12/76  
*[Assinatura]*  
ch. do Gabinete.



12  
SM

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 850/76-DCDP

Brasília, 6 de dezembro de 1976

Senhor Ministro:

Submeto à elevada consideração de Vossa Excelência um exemplar do livro intitulado "FELIZ ANO NOVO", de autoria Rubem Fonseca, que por conter matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, conforme ressalta o parecer anexo, está sujeito à medida prevista no artigo 3º do Decreto-lei nº 1077, de 1970.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

MOACYR COELHO  
Diretor-Geral DPF

Excelentíssimo Senhor  
Ministro ARMANDO FALCÃO  
Ministério da Justiça  
N E S T A

SRA/FICHADO

13/SM

DFP-S/A  
fl. n.º  
Rub. *[Signature]*



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1976 10 15 030 508

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

*[Signature]*

FICHADO

Ofício nº 80/76-SCDP/SR/CE

Fortaleza, 15 de outubro de 1976

Do: Chefe do SCDP/SR/CE

Ao: Diretor da DCDP

Assunto: Encaminhamento de Livro - "FELIZ ANO NOVO" de Rubem Fonseca

FICHADO  
S. A. DCDP

*Ad. J. P.  
Examinado  
em 18/10/76*

*[Signature]*  
SECRETARIA DE CENSURA  
DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa. um exemplar do livro "FELIZ ANO NOVO" de autoria de Rubem Fonseca, da Editora Artenova, solicitando breve urgência na resposta, tendo em vista que esse livro está sendo discutido na Universidade do Ceará pelos alunos, e de acordo com o professor da turma. Os debates continuarão até o dia 19 de novembro do corrente.

Sirvo-me da oportunidade, para renovar a V.Sa. meus protestos de consideração e apreço.

*A Assisteria de  
com o pedido de  
de urgência  
Em 18/10/76  
Francisca Iêda M. Augusto  
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.*

*[Signature]*  
Francisca Iêda M. Augusto  
p/Chefe do SCDP/SR/CE/DPF



19  
5

PARECER Nº 594 176

TÍTULO: "FELIZ ANO NOVO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

Obra literária

O presente livro de Rubem Fonseca, publicado pela Editora Artenova S.A., estabelecida à Rua Prefeito Olímpio de Melo, número 1774, São Cristovão - RJ., reunindo vários contos autônomos do referido autor, retrata, em quase sua totalidade, personagens portadores de complexos, vícios e taras, com o objetivo de focar a face obscura da sociedade na prática da delinquência, suborno, latrocínio e homicídio, sem qualquer referência a sanções.

O autor utilizou-se de uma linguagem bastante popular onde a pornografia foi largamente empregada, como pode ser constatado nas 35 páginas assinaladas.

Por outro lado, nas páginas 31, 139 e 141, são feitas rápidas alusões desmerecedoras aos responsáveis pelo destino do Brasil e ao trabalho censório.

Ao nosso ver a presente obra vai de encontro ao que determina o Decreto-Lei nº 1.077, no seu art.º 1º, e, deste modo, opinamos pela Não Liberação.

Brasília, 03 de dezembro de 1976

  
Raymundo E. de Mesquita

*De consideração  
do Sr. Dir. da D.C.P.F.  
Em 06/12/76  
Muller*  
Assessoria - D.C.P.F.

15  
SM

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SECRETARIA DE ESTADO  
GABINETE DO MINISTRO

DESPACHO Nº 8401 B

15 DEZ 1976

Proc.MJ.74 310/76. Nos termos do parágrafo 8º do artigo 153 da Constituição Federal e artigo 3º do Decreto -lei nº 1 077, de 26 de janeiro de 1 970, proíbo a publicação e circulação, em todo o território nacional, do livro intitulado "FELIZ ANO NOVO", de autoria de RUBEM FONSE CA, publicado pela Editora Artenova S.A., Rio de Janeiro, bem como determino a apre- ensão de todos os seus exemplares expostos à venda, por exteriorizarem matéria contrã ria à moral e aos bons costumes. -

Comunique-se ao DPF. -

Publique-se. -

Brasília, 15 de 12 de 1 976.

*AMF.*  
ARMANDO FALCÃO  
Ministro da Justiça

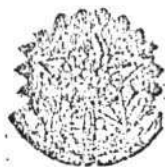
Brasília - DF

15 DEZ 1976

ALBERTO ROCHA  
Chefe do Gabinete

D.O. de 17/12/76

16  
SM.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

# DIÁRIO OFICIAL

SEÇÃO I - PARTE I

DECRETO Nº 46.237 -- DE 18 DE JUNHO DE 1969

CXII 1º 232

CAPITAL FEDERAL

SEXTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 1976

Nº 2491-B

Proc. MJ-74.310-78 — Nos termos do parágrafo 8º do artigo 153 da Constituição Federal e artigo 3º do Decreto-lei nº 1.077, de 28 de janeiro de 1970 proíbe a publicação e circulação, em todo o território nacional, do livro intitulado "Feliz Ano Novo", de autoria de Rubem Fonseca, publicado pela Editora Artenova S. A., Rio de Janeiro, bem como determina a apreensão de todos os seus exemplares expostos à venda, por exteriorizarem matéria contrária à moral e aos bons costumes.

Comunique-se ao DPF.

Publique-se.

Brasília, 15 de dezembro de 1976.  
— Arnanão Falcão, Ministro da Justiça.



Senhor Assessor Especial:

O processo anterior que deu origem a proibição do livro em causa é o de nº MJ-74 310/76, que após publicação no D.O. de 17 DEZ 76, do Despacho do Senhor Ministro, foi devolvido ao D.P.F., em 21 DEZ 76.

Junto cópia do despacho e sua publicação.

Brasília, 12 JAN 77

Silvia Martins

— Certe. O livro objeto da informação que formou este processo teve proibida sua publicação e circulação, em despacho ministerial.

O fato de mesma informação já havia sido difundido ao MEC, através da sua DS).

Vede, assim, seu arquivado o presente processo. —

Em 13.1.77

Fernando B. Falcão  
Assessor Especial  
do Ministro da Justiça